



unisepe[®]
EDUCACIONAL

IANNE DE OLIVEIRA HONÓRIO

**O LUGAR DO FEMININO E A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS**

SÃO LOURENÇO

2023



IANNE DE OLIVEIRA HONÓRIO

**O LUGAR DO FEMININO E A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em modalidade de artigo científico, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia Faculdade de São Lourenço - MG, para obtenção do Título de Psicólogo.

Orientadora: Professora Ma. Mariana Carla de Freitas.

SÃO LOURENÇO

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

IANNE DE OLIVEIRA HONÓRIO

O LUGAR DO FEMININO E A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS

Trabalho apresentado à Faculdade de São Lourenço, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

São Lourenço, 14 de Outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Mariana Carla de Freitas
Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência (UFMG)
Professora do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço - UNISEPE

Leandro Ferreira Santos
Mestre em Educação (UFMG)
Professor do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço -UNISEPE

Raquel Alves Ferreira
Mestre em Psicologia (UFSJ)
Professora do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço-UNISEPE

SÃO LOURENÇO

2023

O LUGAR DO FEMININO E A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS

Ianne de Oliveira Honório¹
Mariana Carla de Freitas²

RESUMO

Em uma relação conjugal, pode haver situações em que haja dependência emocional de algum cônjuge. A dependência emocional é caracterizada pela necessidade extrema de estar com outra pessoa com o intuito de se obter estabilidade emocional. A sociedade patriarcal estabelece que homens e mulheres têm a vivência da afetividade de forma oposta, surgindo uma construção assimétrica de papéis que serão reproduzidos nos relacionamentos conjugais. Papéis estes, que impõe o que cada pessoa deve fazer e como deve agir em sua vida, da mesma forma em seu relacionamento conjugal. Tal forma de relação seria um dos aspectos contribuintes à dependência emocional, principalmente em pessoas que ocupam o lugar do feminino em relações conjugais. Embora seja mais evidente a dependência emocional em mulheres, é preciso considerar homens e relacionamentos não heterossexuais. Portanto, este trabalho tem o objetivo de identificar possíveis consequências do patriarcado para mulheres e pessoas que ocupam lugar do feminino nos relacionamentos conjugais, podendo levar à dependência emocional. Como teoria base será utilizada a teoria sistêmica, em que o subsistema conjugal é formado por pessoas que se unem na intenção de formar uma família. Considerando que, cada cônjuge leva para a relação, suas experiências, aprendizados e crenças vindos da família de origem. A teoria sistêmica busca auxiliar no entendimento das dinâmicas familiares, em específico a estrutura conjugal e a influência dos demais sistemas sobre a família, como a sociedade, e o sistema patriarcal. Sendo assim, a metodologia escolhida e utilizada para esta pesquisa é a revisão de literatura narrativa, que se dispõe a reunir e analisar artigos e informações para seu estudo.

Palavras-chaves: Relacionamentos conjugais; Dependência emocional; Família de origem; Patriarcado; Teoria sistêmica.

ABSTRACT

In a marital relationship, there may be situations in which there is emotional dependence on a spouse. Emotional dependence is characterized by the extreme need to be with another person in order to achieve emotional stability. Patriarchal society establishes that men and women experience affectivity in opposite ways, giving rise to an asymmetrical construction of roles that will be reproduced in marital relationships. Although emotional dependence is more evident in women, it is necessary to consider men and non-heterosexual relationships. These roles dictate what each person should do and how they should act in their life, in the same way in their marital relationship. This form of relationship would be one of the aspects that contribute to emotional dependence, especially in people who take the place of the feminine in marital relationships. Therefore, this work aims to identify possible consequences of patriarchy for women and people

¹ Graduanda do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade São Lourenço.

² Orientadora, graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais.

who occupy the place of the feminine in marital relationships, which can lead to emotional dependence. As a basic theory, the Systemic Theory will be used, in which the marital subsystem is formed by people who come together with the intention of forming a family. Whereas, each spouse brings to the relationship, their experiences, learnings and beliefs from the family of origin. The systemic theory seeks to assist in the understanding of family dynamics, specifically the marital structure and the influence of other systems on the family, such as society and the patriarchal system. Therefore, the methodology chosen and used for this research is the narrative literature review, which is willing to gather and analyze articles and information for its study.

Keywords: Marital relationships; Emotional dependence; Family of birth; Patriarchy; Systemic theory.

INTRODUÇÃO

Ao longo da vida, o ser humano pode criar e desenvolver relações de modo a experimentar diversas experiências, sentimentos, sensações e afetos. Os autores SILVA *et al.* (2005), trazem em seu estudo, que as relações são alvo de grande investigação, sendo diversos os estudos engajados para compreender sua forma, causa e efeitos nos seres humanos.

Os relacionamentos, segundo os autores EMIDIO & RODRIGUES (2019), são guiados por vivências emocionais que o sujeito obteve e criou em sua infância, porém, tal padrão de comportamento emocional, pode ser mudado e elaborado ao longo da vida. As transformações nas relações familiares implicam novos arranjos e vínculos, perante isso, são discutidas funções parentais e a repercussão no estabelecimento dos vínculos amorosos.

Para as autoras RAZERA & FALCKE (2014), em um relacionamento conjugal o casal repete padrões de relacionamentos aprendidos na família de origem, ou seja, reproduzem comportamentos sendo eles saudáveis ou não. Os autores QUISSINI & COELHO (2014) afirmam que os valores culturais da geração de origem têm importante influência na vida dos cônjuges.

Tendo em vista as manifestações que o relacionamento conjugal pode tomar, com influência da família de origem como base de ensinamento no comportamento dos cônjuges, destaca-se a dependência emocional, que na concepção de RODRIGUES & CHALHUB (2009) nas relações amorosas, a pessoa dependente pode idealizar seu objeto de apego, ou seja, seu parceiro passa a representar o papel que ela mesmo inventou. A pessoa começa a perder o controle de seus comportamentos e exagerar nas medidas de afeto e cuidado, não tem mais sua própria individualidade, não estabelece limite no que é seu e no que é do outro. Tal relacionamento conjugal seria alvo de sofrimento.

Na concepção de BUTION & WECHSLER (2016), a dependência emocional é a incapacidade de uma pessoa produzir laços de afeto recíprocos. Caracteriza-se pela intensidade em demonstrar emoções amorosas e afetivas. Para MARTINI (2012), na relação conjugal o dependente emocional tende a drenar a energia de seu parceiro, levando ao desgaste da relação.

Diante da grande desigualdade social entre homens e mulheres por questões de gênero, os feminicídios, assassinatos de mulheres, são presentes em culturas em que há dominação e desequilíbrio de poderes, inferiorizando as mulheres. O feminicídio íntimo, cometido pelo parceiro da vítima, é o que mais acomete mulheres, sendo bastante associado à violência conjugal em relações afetivas (OLIVEIRA, COSTA & SOUSA, 2016). Diante deste fato social, mostra-se importante estudar a dependência emocional, pois, em muitos casos pode estar

associada à violência, principalmente no âmbito conjugal, trazendo inúmeros danos psicológicos, físicos, sociais, financeiros, etc.

Em se tratar de dependência e com o aumento de seus índices, variando entre 5% à 24,55 na população. (AHMDI et al., 2013; GUDE *et al.*, 2004; JALLER JARAMELLO & LEMOS HOYOS, 2009; LEMOS *et al.*, 2012; SUSSMAN, 2010 *apud* BUTION WECHLER, 2016). O atual artigo irá abordar acerca da consequência do sistema social patriarcal, refletindo nos relacionamentos conjugais, podendo levar à casos de dependência emocional, principalmente em mulheres e pessoas que ocupam lugar do feminino.

1 METODOLOGIA

No presente trabalho, a metodologia utilizada foi a revisão da literatura, que segundo UNESP (2015), entende-se como sendo o processo de buscar, analisar e descrever sobre conhecimentos através de estudos já feitos, como: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações. A revisão da literatura é classificada em três subtipos: Narrativa, sistemática e integrativa. Contudo, foi utilizada a revisão narrativa no atual artigo. A revisão narrativa não utiliza dados explícitos e sistemáticos para a pesquisa. O estudo não tem a finalidade de buscar informações até o esgotamento. Não é utilizado formas de busca exaustivas e sofisticadas.

A revisão da literatura narrativa ou tradicional, comparada à revisão sistemática, é mais aberta, raramente origina de uma temática específica, não sendo necessário um protocolo rígido em sua construção. Sendo assim, o pesquisador se dedica a reunir artigos e informações para o estudo. Neste tipo de revisão, a investigação é menos abrangente e não se utiliza de critérios para a pesquisa. A seleção dos artigos é arbitrária, fazendo com que as informações possam ter interferência de percepções subjetivas dos autores. (CORDEIRO *et al.* 2007).

Portando, foram realizadas buscas em sites acadêmicos com os temas: relacionamentos conjugais, dependência emocional, patriarcado, teoria sistêmica. Foram escolhidos livros e artigos para leitura e compreensão da mulher e do feminino nas relações conjugais, como o patriarcado influencia nas relações e pode produzir casos de dependência emocional.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Os autores, MINUCHIN, LEE & SIMON (2008), afirmam que a família é um sistema complexo composto por vários outros subsistemas: subsistema conjugal, parental e fraternal. Sistema é um grupo de pessoas que interagem por vínculos de diversos tipos, estabelecendo comunicação e influência. O subsistema é a forma como esta família se organiza. A saúde e bem-estar da família, irá depender da qualidade das relações entre os subsistemas. Os autores também afirmam que não há como pensar em família sem pensar na sociedade, estando os dois sistemas relacionados. O subsistema conjugal, é formado por pessoas que se unem na intenção de formar uma família, considerando que cada cônjuge leva para relação as suas experiências, aprendizados e crenças vindos da família de origem. O sistema tem em sua composição, elementos em interação, podendo ser de potencial saudável ou não. Se algo ou algum membro do sistema muda, toda estrutura se modifica.

Para os mesmos autores, se define família como um grupo de pessoas que tem em sua relação fatores emocionais e/ou sanguíneos, que viveram juntos e possuem formas de relação e histórias que explicam tais interações. Os membros que constituem a família possuem regras e determinações a serem seguidas, há portanto, papéis e funções a serem exercidos dentro do âmbito familiar, inclusive no subsistema conjugal.

O relacionamento amoroso, insere-se na visão e nos planos de vida de muitas pessoas. Quando se trata de um matrimônio, o casal precisa conciliar anseios, sonhos e necessidades para que a união conjugal não acabe atrapalhando planos individuais. (BORGES, MAGALHÃES & FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Na sociedade, desde muito tempo, há mitos e ideias associados ao casamento com base no ideal de amor. Ainda nos dias de hoje, para muitos, o casamento é baseado na concepção de um amor romântico, idealizado e absoluto, o que poderia justificar relacionamentos frustrados e aumento de divórcios. (ANTON, 2000).

Ao se casarem, os indivíduos unem dois sistemas advindos da família de cada cônjuge. Sendo assim, forma-se um novo e terceiro subsistema constituído pelos valores, crenças e modos de vida. Contudo, o terceiro sistema criado, não seria uma somatória dos dois já existentes, mas, a formação de outro com novas peculiaridades sobre a identidade do casal. No momento em que há união do casal, surge um novo padrão de interação com base nas representações oriundas de cada parceiro. Essas representações, seriam as referências que ditam como as pessoas veem e percebem o mundo. (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2014).

Segundo os autores QUISSINI & COELHO (2014), no casamento o casal leva também as bagagens emocionais anteriores, vindas de relacionamentos passados e experiências com a família de origem. Todos esses fatores irão repercutir na vida conjugal de forma potencialmente saudável ou não. Tais influências familiares, quando conturbadas, podem influenciar negativamente o desenvolvimento do casal, o que gera obstáculos, leva a sentimentos de desilusões e comportamentos que tendem a bloquear o avanço conjugal e dar origem a problemas e dificuldades no relacionamento amoroso.

É importante ressaltar que quando os relacionamentos conjugais produzem bem-estar, são um importante fator de proteção de saúde mental, e podem beneficiar o indivíduo e a relação do casal. (SCHLÖSSER, 2014). Os relacionamentos amorosos muitas vezes não são vividos de forma saudável, como citam os autores FONSÊCA *et al.* (2020), um dos cônjuges pode apresentar comportamentos e atitudes exagerados, demandas afetivas insatisfatórias, de modo a exigir que o companheiro supra as próprias necessidades. O relacionamento saudável seria aquele em que o casal se doa reciprocamente, sem assimetrias, caracterizados por equilíbrio, troca e benefícios para ambos.

Tendo em vista as manifestações que o relacionamento conjugal pode tomar, destaca-se a dependência emocional como um possível desequilíbrio que na concepção de RODRIGUES & CHALHUB (2009), a pessoa dependente pode idealizar seu objeto de apego, ou seja, seu parceiro passa a representar o papel idealizado. A pessoa dependente começa a perder o controle acerca de seus comportamentos e exagerar nas medidas de afeto e cuidado. Passa a perder parte da individualidade e não estabelece limite no que é seu e o que é do outro. Tal relacionamento conjugal seria alvo de sofrimento.

Segundo os mesmos autores, existem diversas causas para construção da dependência emocional. A falta de reciprocidade na formação no vínculo com a principal figura de apego na infância pode causar conflitos nos relacionamentos afetivos quando adultos. O dependente emocional procura no parceiro formas de suprir o afeto e carinho necessários para ter sua estabilidade emocional.

Quanto à dependência amorosa no tipo de amor/afeição, esta surge nas relações amorosas na vida adulta que são ensombradas por experiências afetivas prematuras, em especial os vínculos com os pais durante o período da infância. A intensidade do amor dependente é, muitas vezes, proporcional à percepção das necessidades não satisfeitas na infância (LINO, 2009, p.6).

Para a teoria do apego, há relações entre os tipos de apego e a dependência emocional. Indivíduos que não são dependentes em seu relacionamento, tiveram um apego seguro na infância. (SOPHIA *et al.* *apud* BUTION & WECHSLER, 2016).

Segundo os autores BOSCARDIN & KRISTENSEN (2011), a dependência emocional irá ter sua reprodução na vida adulta e amorosa do sujeito, visto que terá aprendido e construído este tipo de afeto em sua infância, no primeiro sistema, a família, influenciados por um sistema maior, o sistema social, que tem em sua organização o sistema patriarcal. Contudo, se o indivíduo se envolver em um relacionamento amoroso, poderá se tornar dependente do amor do outro, fazendo qualquer coisa para não o perder e cair na solidão que tanto teme. Para os mesmos autores, a dependência emocional é mais frequente no público feminino, pois as mulheres valorizam mais o relacionamento conjugal. Todos esses modelos de representação de formas de relacionamentos amorosos são ditados pela sociedade patriarcal.

A sociedade patriarcal influencia os demais sistemas e subsistemas. “[...] deve-se pensar o patriarcado, remeter a seu caráter histórico, pois este regeu e ainda rege a história das mulheres e gera exclusão social destas, já que se baseia numa superioridade masculina.” (DIAS & COTRIM, 2014, p.282).

Segundo FOUCALT (2007) *apud* FRAGA (2019), hoje em dia, as relações conjugais se veem em um esquema de padrão heterossexual, fazendo com que as pessoas controlem sua sexualidade.

Para BUTLER (2008) *apud* FRAGA (2019), a sociedade é heteronormativa, ou seja, só considera aceitável relacionamento entre o sexo masculino e feminino. Na sociedade, há regras e normas sociais a serem seguidas, onde homens e mulheres têm determinações para cumprir.

É notório que pessoas dependentes emocionalmente possuem crenças construídas sobre afetividade e relações afetivas. HOOKS (2021, p.62) relata como a sociedade influencia a construção do afeto e como são diferentes para homens e mulheres. A ideia machista da sociedade impede que homens percebam seu anseio por amor ou aceitar uma mulher que possa guiá-los para descobrirem este amor.

Contudo, para NUNAN (2007) *apud* FRAGA (2019), os relacionamentos não heteronormativos, são muitas vezes conduzidos para que os cônjuges produzam papéis de gênero, masculino e feminino em suas relações. Visto que, quem é considerado ocupante do lugar do feminino no relacionamento, pode sofrer com as influências do patriarcado e com o que ele traz.

Desde a constituição da sociedade, existe assimetria nas relações de homem e mulher,

segundo ELIAS & GAUER (2014). O homem produz um papel de dominador na sociedade e na relação com a mulher, principalmente se ela aceita a submissão como estrutura relacional. O mesmo autor aponta que o conceito de papel de gênero, é importante para entender as relações de poder e submissão. Antigamente, os homens tratavam as mulheres da mesma forma como tratavam os escravos e os filhos. Todos deveriam obedecer ao homem e o que ele dizia era a lei. Atualmente, a mulher ainda possui certa vulnerabilidade e submissão em relação ao homem. Tal relação demarcada por abuso, poder, dominação e submissão traz em si a percepção de que as mulheres se veem sozinhas, infelizes e fracas se não tiverem a presença do homem. Por sua vez, quando se encontram em um relacionamento conjugal, atribuem o papel de submissas, em sua grande maioria, vendo-se dependentes do parceiro.

A assimetria nas relações de gênero é algo que acompanha a sociedade desde a sua constituição e surge como consequência naturalizada do modelo patriarcal. “O conceito de gênero foi construído socialmente visando compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, baseadas nos papéis que cada um assume na sociedade e nas relações de poder entre eles.” (ELIAS & GAUER, 2014, p.125).

Nota-se que segundo as mesmas autoras, o sistema patriarcal intensifica os modelos de invisibilidade da desigualdade entre os gêneros, visto que tal hierarquia garante direito de homens aos homens, promovendo uma assimetria invisível.

Pode-se perceber o sistema patriarcal como: “Patriarcado, que, como o próprio nome indica é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2015, p.47). Quando se fala em patriarcado se exclui a ideia de mulher com liberdade.

O sistema Patriarcal por sua vez, vem sofrendo mudanças. Antigamente, como por exemplo na Roma antiga, o homem tinha poder de vida ou morte sobre sua esposa e seus filhos. Atualmente esta forma de dominação mudou em sua manifestação, porém, o poder continua. Homens ainda mandam em suas parceiras, abusam e as assassinam. (SAFIOTTI, 2015).

Sendo assim, tal sistema se revela na ideia de que mulheres e homens têm suas próprias qualidades. Mulheres são femininas, doces, pensam nos outros, tem a maternidade. Os homens, por sua vez, são fortes, viris, sexuais, tem capacidade para o trabalho e política. (ZANELLO, 2018).

Para melhor entender a forma de dominação social, entende-se que homens e mulheres vivem em uma relação de poder e dominação. Para FOUCAULT, 1978, p.141 “[...] o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Com isso, o autor quer dizer que, o poder não necessariamente vai estar

institucionalizado, em leis ou em ideologias, mas pode estar em suas diversas formas, manifestando-se nas próprias relações sociais e ações, sendo toda relação, uma relação de poder.

A autora SAFFIOTI (2015) afirma que na sociedade patriarcal existem dois polos, o de dominação e de subordinação. Sendo em sua maioria os homens dominadores e as mulheres subordinadas, não detendo de nenhum poder.

Uma vez que não se trabalha com o conceito weberiano de dominação, compreende-se que o processo de dominação só possa se estabelecer numa relação social. Desta forma, há o(s) dominador(es) e o(s) dominado(s). O(s) primeiro(s) não elimina(m) o(s) segundo(s), nem pode ser este seu intento. Para continuar dominando, deve(m) preservar seu(s) subordinado(s) (SAFIOTTI, 2015, p.125).

Sendo assim, a construção patriarcal irá se manifestar na sociedade e no sistema familiar, estando estes dois interligados. “O patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo”. (SAFIOTTI, 2015, p.49).

Contudo, o patriarcado ainda persiste, o que muda são as manifestações e formas que ele vem tomando. Hoje em dia, este modelo ainda se vê presente, tanto que mulheres se veem presas a relações abusivas, por medo de descumprirem a ordem social patriarcal. A mulher vem sendo cada vez mais inferiorizada na sociedade, em geral e em suas relações amorosas. Com isso, surge os relacionamentos abusivos, tendo em vista que a mulher está no papel de submissão imposto a ela, ensinado desde sempre, enquanto o homem, exerce papel de poder e dominação.

4 DISCUSSÃO

Os resultados apontaram que a dependência emocional é caracterizada pela necessidade extrema de estar com outra pessoa para obter sua estabilidade emocional. (CHARKOW & NELSON *apud* BUTION & WECHSLER, 2016). Assim sendo, é possível observar que o indivíduo com dependência emocional possui pouca habilidade em produzir laços de afeto constantes e de forma recíproca.

Pode-se citar, através de pesquisas realizadas pelas autoras AHMADI *et al.* (2013) & SOPHIA *et al.* *apud* BUTION & WECHSLER (2016), que a vivência familiar na infância e o estilo de apego ensinado pelos pais ou cuidadores será aprendido e reproduzido pelos sujeitos na vida adulta, em seus relacionamentos amorosos.

A autora ARAÚJO & MATTIOLI (2004), trazem em seus estudos que além da ideologia de gênero, fatores como dependência emocional e econômica, valorização extrema da família, idealização de amor romântico e do casamento, seriam motivos que poderiam levar as mulheres

a permanecerem em relacionamentos conjugais insatisfatórios. Portanto, é percebido que a dependência emocional quando “estabelecida”, pode levar o indivíduo a permanecer em qualquer tipo de relacionamento conjugal, podendo lhe causar sofrimento.

BUTION & WESCHLER (2016) abordam sobre o gênero que mais possui a dependência emocional em relacionamentos. Segundo elas, não há uma teoria que afirme esta questão, porém, mulheres e pessoas que ocupam o lugar do feminino nas relações podem apresentar mais casos de dependência emocional, visto que a cultura patriarcal impõe papéis à serem seguidos por homens e mulheres, que se manifestam e resultam na dependência.

Assim, o que pode fazer com que mulheres, principalmente, aceitem qualquer tipo de relacionamento, não é o amor que elas têm por ser parceiro, mas a necessidade de ser aceita e validada como mulher, sendo considerada uma mulher que deu certo na vida. (ZANELLO, 2018).

BRUM (2019) em uma pesquisa exploratória, realizou análise do artefato cultural “Mulheres que amam demais”, escrito pela psicóloga NORWOOD (2011). Tal análise objetivou analisar os casos de mulheres dependentes emocionalmente. Foi observado que a família de origem tem suma importância na escolha do cônjuge que o indivíduo terá e em seu padrão de comportamento no relacionamento amoroso. Pessoas que tiveram problemas familiares poderão reproduzir este comportamento ao se envolverem com seu cônjuge.

Sabe-se que são aprendidos os modos de se relacionar na infância, os modelos de comportamento vão sendo internalizados por meio da linguagem verbal e não verbal e reproduzidos na vida adulta. A criança irá aprender as crenças e representações de seus pais, podendo modificá-los na vida adulta ou repeti-los. (GUEDES, MONTEIRO- LEITNER & MACHADO, 2008). Os mesmos autores também vão afirmar que como foram as relações primárias, os indivíduos terão relacionamentos baseados nessas relações, sendo saudáveis ou não. Portanto, se as relações que o sujeito tem na infância são seguras e de confiança, é provável que terá mais eficiência na vida adulta para administrar seus afetos na vida amorosa.

Em suma, a família de origem é influenciada pelo sistema macro, que é o sistema patriarcal, este, impõe normas à serem seguidas por pessoas e ditam regras que homens e mulheres devem seguir na vida e no relacionamento. Sendo assim, pessoas que ocupam lugar do feminino em suas relações, podem sofrer esta imposição e ter consequências de dependência emocional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual trabalho objetivou identificar possíveis consequências do patriarcado para mulheres e pessoas que ocupam o lugar do feminino nos relacionamentos conjugais. Foi percebido que uma das consequências do patriarcado nas relações conjugais pode ser a dependência emocional, sendo mais recorrente em mulheres e pessoas que ocupam lugar do feminino em suas relações, visto que o patriarcado impõe regras e influencia formas de se relacionar. Como exemplo, relacionamentos não heteronormativos, onde homens ocupam lugar do feminino em alguns casos e podem sofrer as consequências do patriarcado. Foi realizada uma revisão narrativa acerca dos temas: dependência emocional, relacionamentos conjugais, família de origem pela teoria sistêmica e construção do patriarcado, visto que este último dita e influencia os sistemas sociais, inclusive o da família. Não se pode falar em família sem considerar a influência do sistema social.

Desde a antiguidade, as mulheres são vistas como diferentes dos homens, inferiores e submissas. Tudo isso se deve ao fato de haver na sociedade o sistema patriarcal que impõe superioridade e dominação dos homens. Tal sistema também atribui às mulheres o anseio e precisão de encontrarem um relacionamento amoroso para se sentirem completas, felizes e realizadas e se encontrarem dentro deste padrão social. Desde cedo, meninas aprendem à procurar um homem e um casamento para serem felizes. Isso gera uma falsa necessidade de precisar da relação e fazer de tudo para não perdê-la.

O patriarcado é um sistema imposto, uma forma de organização social, sendo assim, ele interage a outros sistemas, como por exemplo, o familiar. A família sofre direta e indiretamente com influência deste modelo. Os pais, são responsáveis por ensinarem aos filhos a forma como devem se relacionar, como devem dar afeto, etc. Portanto, a família de origem seria um dos aspectos que podem influenciar na construção da dependência emocional.

Visto que a sociedade patriarcal ensina que homens e mulheres devem ter a vivência da afetividade de forma oposta, surge assim, uma construção assimétrica de papéis que serão reproduzidos no futuro, manifestados em relacionamentos conjugais, onde mulheres se apegam aos cônjuges mais do que eles a elas, se vendo dependentes do parceiro e da relação, da mesma forma homens que ocupam lugar do feminino em suas relações.

Aspectos como o estilo de apego vivenciado na infância também é um ponto importante que pode influenciar no desenvolvimento da dependência. Algumas formas de apego não saudáveis, podem construir no sujeito uma forma de afeto e apego assimétrico na vida adulta. Sendo que, o que é ensinado na infância será reproduzido na idade adulta.

As relações conjugais podem seguir uma dinâmica com potencial para saúde das relações, para isso, é necessário que haja maturidade emocional dos parceiros e desconstrução

de crenças e ideias aprendidas, sendo possível que os cônjuges aprendam habilidades para que a relação seja mais saudável e satisfatória.

Contudo, relacionamentos saudáveis onde não há presença de dependência emocional, podem contribuir para menores casos de violência contra mulher em relacionamentos conjugais, bem como, menos sofrimento na relação e na vida pessoal. Visto que a dependência emocional se associa à casos de violência, pois a dependência emocional pode fazer com que pessoas dependentes se mantenham em relacionamentos a qualquer custo.

Ademais, se o indivíduo não tiver consciência e conquistar sua maturidade emocional, seguirá repetindo e reproduzindo os padrões não saudáveis em seus relacionamentos. Na teoria sistêmica, a terapia de casal pode ser útil nesta busca e conquista de mudança e tomada de consciência dos comportamentos que estão causando sofrimento para o dependente, para o parceiro e para relação.

Sendo assim, é possível notar que a terapia sistêmica de casal não tem a intenção de manter a relação e nem de causar divórcios, mas sim, de proporcionar saúde e bem-estar mental para os cônjuges. Quando há rigidez e estereotipia no comportamento de um dos parceiros, pode-se talvez caracterizar algum problema. Já comportamentos de mudança e abertura para o novo indicam traços saudáveis. Em algumas situações, se um dos cônjuges se abre a mudanças e à flexibilidade, pode levar à separação do casal. Já em outros casos, a rigidez pode levar término (FÉRES-CARNEIRO, 1994).

Neste sentido, a psicologia, ciência de olhar voltado ao sujeito, pode contribuir na conscientização e realização destas intervenções em grupos e formas individuais de atendimento aos sujeitos acometidos pela dependência em suas relações. Entretanto, a psicologia também pode facilitar na compreensão das diversas formas de dominação e poder na sociedade que influenciam o comportamento humano e ditam os papéis sociais, influenciando a forma de comportamento humano, inclusive o da família. Contudo, se percebe necessário a ampliação, conscientização e mais debates sobre a dependência emocional, bem como, buscas e pesquisas com maior rigor metodológico, facilitando o conhecimento dos profissionais de saúde acerca do tema, sua construção e possíveis formas de intervenção.

REFERÊNCIAS

ANTON, I. L. C. **A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: editora Ltda, 2000. Disponível em: javascript:void(0) acesso em 10 de Outubro de 2023.

ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato (Orgs.). **Gênero e violência** [recurso eletrônico]. São Paulo: Arte&Ciência, 2004. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=ataujo+e+mattioli&btnG=#d=gs_qabs&t=1699462602024&u=%23p%3Df7nXk-Jt0HUIJ. Acesso em 10 de Outubro de 2023.

BOSCARDIN, Marina Kayser; KRISTENSEN, Christian Haag. Esquemas Iniciais Desadaptativos em Mulheres com Amor Patológico. [recurso eletrônico]. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 3, n.1, p. 517-526, 2011. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=boscardin+kristenses&btnG=#d=gs_qabs&t=1699462538420&u=%23p%3D5bZR59EcutMJ. Acesso em 08 de Outubro de 2023.

BRUM, Ângela. Dependência emocional nas relações conjugais. [recurso eletrônico]. **Repositório Digital da Universidade de Caxias do Sul**, 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=angela+brum&btnG=#d=gs_qabs&t=1699462411562&u=%23p%3DvZZs5mLCFvAJ. Acesso em 08 de Outubro de 2023.

BUTION, Denise Catricala; WECHSLER, Amanda Muglia. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. [recurso eletrônico]. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 77- 101, 2016. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=bution+wechsler&oq=Bution+#d=gs_qabs&t=1699462835103&u=%23p%3Di2Xq5S8JS94J. Acesso em: 10 de Agosto de 2023.

BORGES, Carolina; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. [recurso eletrônico]. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 66, n. 3, p. 89-103, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=borges+magalh%C3%A3es+f%C3%A9res+carneiro+2015&oq=borges+magalhae#d=gs_qabs&t=1699463016476&u=%23p%3D-Ojdy9ivIFYJ. Acesso em 12 de Outubro de 2023.

CORDEIRO, Alexander Magno; DE OLIVEIRA, Gloria Maria; RENTERIA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. [recurso eletrônico]. **Revista docolégio brasileiro de cirurgões**, 2007. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=cordeiro+revisao+da+literatua&btnG=#d=gs_qabs&t=1699462879688&u=%23p%3Dc92A8HVSv7YJ. Acesso em 10 de Setembro de 2023.

DIAS, Monica Silva; COTRIM, Livia Cristina Aguiar. Violência contra a mulher, ninguém mete a colher? Um estudo em área de manancial. [recurso eletrônico]. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, n. 12, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=dias+cotrim+patriarcado&oq=dias+cotrim+#d=gs_qabs&t=1699463064900&u=%23p%3DqGis6pURvL0J. Acesso em 17 de Agosto de 2023.

ELIAS, Miriam Freitas; GAUER, Gabriel José Chittó. Violência de gênero e o impacto na família: Educando para uma mudança na cultura patriarcal. [recurso eletrônico]. **Sistema Penal & Violência**, v. 6, n. 1, p. 117-128, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=elias+gauer&oq=el#d=gs_qabs&t=1699463100582&u=%23p%3DyfF9VtBGpm8J. Acesso em 27 de Setembro de 2023.

EMIDIO, Thassia Souza; RODRIGUES, Jussara Aparecida. “Obrigado por existir”: um estudo psicanalítico acerca do sentimento de gratidão nas relações amorosas. [recurso eletrônico]. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n. 2, p. 20-40, 2019. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=emidio+e+rodrigues+obrigado+por+existir&btnG=#d=gs_qabs&t=1699463165333&u=%23p%3DZAom1BAvlZcJ. Acesso em 28 de Setembro de 2023.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Diferentes abordagens em terapia de casal: uma articulação possível?. [recurso eletrônico]. **Temas em Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 53-63, 1994. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=feres+carneiro+1994&btnG=#d=gs_qabs&t=1699463203794&u=%23p%3D6vHqXQwv720J. Acesso em 10 de Outubro de 2023.

FONSÊCA, Patrícia Nunes et al. Evidências psicométricas do Questionario de Dependencia Emocional (CDE). **Avaliação Psicológica**, v. 19, n. 1, p. 67-77, 2020. [recurso eletrônico]. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=fonseca+dependencia+emocional&oq=fonseca+dependencia+emo#d=gs_qabs&t=1699463267808&u=%23p%3DShBN9WDtM5QJ. Acesso em 16 de Setembro de 2023.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. **Organização, introdução e revisão de Roberto Machado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 2005, 1979.

FRAGA, Raphael. Padrões de comportamento heteronormativos em relações homoafetivas. Lisboa, Portugal. **Academia.edu**.2019. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=papeis+sociais+nos+relacionamentos+homoafetivos&btnG=#d=gs_qabs&t=1700164751868&u=%23p%3DAK-b4XnRIH0J. Acesso em: 16 de Novembro de 2023.

GUEDES, Dilcio Dantas; MONTEIRO-LEITNER, Julieta; MACHADO, Karine Cardozo Rodrigues. Rompimento amoroso, depressão e autoestima: estudo de caso. [recurso eletrônico]. **Revista Subjetividades**, v. 8, n. 3, p. 603-643, 2008. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=guedes+monteiro+leitner&btnG=#d=gs_qabs&t=1699463407307&u=%23p%3DzHA3DSMrtukJ. Acesso em 10 de Setembro de 2023.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

LINO, Tiago Lopes. A patologia do amor—da paixão à psicopatologia. [recurso eletrônico]. **Porto: Psicologia. pt-O Portal dos Psicólogos**, 2009. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=guedes+monteiro+leitner&btnG=#d=gs_qabs&t=1699463407307&u=%23p%3DzHA3DSMrtukJ. Acesso em 09 de dezembro de 2023.

MARTINI, Juliana Schwanke. Dependência emocional familiar: possíveis manifestações nos filhos. [recurso eletrônico]. **Revista da Graduação**, v. 5, n. 2, 2012. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=martini+depend%C3%Aancia+emocional&btnG=#d=gs_qabs&t=169946777307&u=%23p%3Du8ANPDTi3asJ. Acesso em 07 de Setembro de 2023.

MINUCHIN, Salvador; LEE, Wai-Yung; SIMON, George M. **Dominando a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

OLIVEIRA, COSTA, SOUSA. Feminicídio e violência de gênero: aspectos sociojurídicos. [recurso eletrônico]. **Revista eletrônica de ciências**, v. 16, n. 24/25, 2016. O portal dos psicólogos. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=oliveira+costa+sousa+feminicio+e+violencia+de+genero&btnG=#d=gs_qabs&t=1699467917943&u=%23p%3D2MbyRcQthmIJ. Acesso em 05 de Outubro de 2023.

QUISSINI, Cintia; COELHO, Leda Rúbia Maurina. A influência das famílias de origem nas relações conjugais. [recurso eletrônico]. **Pensando famílias**, v. 18, n. 2, p. 34-47, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=quissini+e+coelho&btnG=#d=gs_qabs&t=1699467973851&u=%23p%3D6EDIB3UfkvUJ. Acesso em 08 de Agosto se 2023.

RAZERA, Josiane; FALCKE, Denise. Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar?. [recurso eletrônico]. **Aletheia**, n. 45, p. 156-167, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=razera+e+falcke+relacionamentos+conjugais+&btnG=#d=gs_qabs&t=1699468033355&u=%23p%3DtIapMD-xJvMJ. Acesso em 10 de Julho de 2023.

RODRIGUES, Soraia; CHALHUB, Anderson. Amor com dependência: um olhar sobre a Teoria do Apego. [recurso eletrônico]. **O portal dos psicólogos**. Disponível em: www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0177.pdf v. 5, 2009. Acesso: 28 de Outubro de 2023.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p.151, 2004.

SCHLÖSSER, Adriano. Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. [recurso eletrônico]. **Pensando famílias**, v. 18, n. 2, p. 17-33, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=scholler+Adriano+interface+entre+saude+mental&btnG=#d=gs_qabs&t=1699468121072&u=%23p%3D8AGoHgnVhPQJ. Acesso em 10 de Julho de 2023.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. De que substância é feita o amor?: A construção da conjugalidade em Guimarães Rosa. [recurso eletrônico]. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 1, p. 18-28, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=scorsolini+comin+de+que+subst%C3%A2ncias+e+feita+o+amor&btnG=#d=gs_qabs&t=1699468187163&u=%23p%3DVUwnC1L3Do0J. Acesso em 13 de Julho de 2023.

SILVA, Ailton Amélio et al. Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. [recurso eletrônico]. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 2, 2005. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=da+silva+determina%C3%A7%C3%B5es+das+historias+de+amor&btnG=#d=gs_qabs&t=1699462974642&u=%23p%3DtcfDd0t1XI4J_. Acesso em 08 de Setembro de 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, **Faculdade de Ciências Agrônomicas**, Botucatu. Tipos de revisão de literatura. 2015.

ZANELLO, Valeska. **A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

